

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE BELAS ARTES**

STÉPHANIE DE SOUZA ARAÚJO LEAL

**Aprendendo a aprender polifonicamente: um convite ao
compartilhamento de dramaturgias pessoais.**

Artigo apresentado ao Curso de Graduação em Teatro da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção de Título de Licenciada em Teatro.

Orientador: Ernani Maletta

BELO HORIZONTE

2024

RESUMO

A autora deste artigo questiona os padrões presentes no ensino regular que vigoram no processo de aprendizagem atual, no que se refere à valorização das experiências e pontos de vista dos estudantes. A partir disso, ressalta a importância do conceito de polifonia, com base nas propostas de Ernani Maletta, como referência para a construção de saberes nos processos de aprendizagem. Para tanto, traz um recorte de sua caminhada pelo mundo da educação e da experiência que viveu durante o *Estágio Obrigatório III*, que integra o currículo da *Licenciatura em Teatro da EBA/UFMG*. Atrelado a isso, com o apoio da pesquisa bibliográfica, explora a ideia de utilizar os diários de bordo como uma ferramenta para auxiliar os alunos na compreensão que cada um constrói dos ensinamentos, facilitando também o seu compartilhamento com os outros. Assim, por meio do processo de compartilhamento de dramaturgias pessoais, ocorre o entrelaçamento das experiências vividas pelos alunos, gerando um aprendizado coletivo que, por compreender múltiplos pontos de vista – ou vozes – sobre o tema abordado nas aulas, é polifônico.

Palavras-Chave: aprendizado; dramaturgias pessoais; diários de bordo; compartilhamento; polifonia.



ABSTRACT

The author of this article questions the standards present in regular education that are in force in the current learning process, with regard to the valorization of students' experiences and points of view. Based on this, she emphasizes the importance of the concept of polyphony, based on the proposals of Ernani Maletta, as a reference for the construction of knowledge in the learning processes. To this end, she presents an excerpt from her journey through the world of education and the experience she had during the *Estágio Obrigatório III*, which is part of the curriculum of the *Licenciatura em Teatro* at EBA/UFMG. Linked to this, with the support of bibliographic research, she explores the idea of using logbooks as a tool to help students understand what each one constructs from the teachings, also facilitating their sharing with others. Thus, through the process of sharing personal dramaturgies, the experiences lived by students intertwine, generating collective learning that, by comprising multiple points of view – or voices – on the topic addressed in class, is polyphonic.

Keywords: learning; personal dramaturgies; logbooks; sharing; polyphony.

1. Introdução

Refletindo sobre a minha trajetória no Teatro, começo a perceber vários padrões que se repetem e se concretizam hoje na minha formação como artista e professora-artista. Na escola em que estudei, Colégio São Miguel Arcanjo¹, não havia aulas de Arte na grade curricular do Ensino Fundamental II, e durante o Ensino Fundamental I, essas aulas eram exclusivamente voltadas para as Artes Visuais. Apesar disso, essa escola contribuiu para que, a partir do meu encantamento de criança, ocorresse meu primeiro contato com o Teatro, quando foram apresentadas e divulgadas oficinas de teatro nas salas de aula.

Minha família nunca teve o costume de frequentar eventos culturais; então, meus únicos contatos com esse campo eram fruto dos passeios ou apresentações promovidos pela escola. Desde sempre, senti-me profundamente encantada e atraída pelo Teatro, achava que era o único lugar onde eu conseguia, de fato, expressar o que estava sentindo. Fazer parte de um processo em que as pessoas precisavam se unir para criar e construir algo me fazia sentir pertencente e em movimento.

Durante um bom tempo, tive muita curiosidade e muito interesse em pesquisar mais sobre o autoconhecimento no âmbito da área artística, e, pouco a pouco, fui descobrindo que esse tema, por mais que pareça específico, é muito amplo. Foi necessário passar pelo processo de me fazer várias perguntas, e, mesmo nunca chegando a respostas definitivas, consegui alcançar um lugar que envolve toda a minha experiência e estimula a minha vontade de continuar me movimentando, experimentando e pesquisando sobre Teatro e Educação.

2. Andanças pelo mundo artístico e o despertar da vontade de buscar formas de traduzir as experiências que ficavam marcadas no meu corpo

No Colégio São Miguel, as aulas de teatro aconteciam na forma de oficinas extracurriculares, uma vez por semana após as aulas regulares, e eram ministradas

¹ Instituição situada no bairro Nova Floresta, cidade de Belo Horizonte.

no salão da escola pela professora Leandra Batista², de forma gratuita para os estudantes da escola³. Todos os estudantes afastavam as carteiras e se abria um enorme espaço livre para se realizarem: jogos teatrais diversos; trabalho em grupo; leitura e interpretação de pequenos textos; aprendizado de coreografias e de canto de músicas; e a produção de um espetáculo no final do ano. Dessa forma, criou-se um grupo de teatro que foi nomeado por um tempo como *Entre o choro e o riso*, e foram produzidas algumas camisas que os estudantes usavam durante as aulas.



FIGURA 1: Camisas produzidas para as aulas de Teatro no ano de 2005.

Aqueles momentos, de alguma maneira, despertavam em todos a vontade de aproveitar a oportunidade que nos era oferecida, e sempre descobria algo novo sobre mim – o que era surpreendente, pois, por ser uma criança bastante reservada, tímida e com baixa autoestima, era para mim extremamente difícil falar sobre a minha vida pessoal. Apesar disso, eu me sentia muito confortável em estar naquele ambiente, no qual havia vários rituais. Isso me fazia sentir muito presente para contar minha história, de maneiras que transpassassem o verbal, além de trabalhar constantemente a imaginação e criatividade, com a criação de personagens.

Nessas aulas de Teatro, a professora Leandra buscava sempre levar fragmentos de textos, poemas e músicas, para um primeiro contato dos alunos com esse universo, e sempre propunha que criássemos alguma cena improvisada na qual houvesse alguma ação corporal. De certa maneira, aquilo me provocava e incentivava a explorar novas formas de me colocar no espaço.

² A professora em questão ministrava aulas de Educação Física no âmbito do currículo regular e, por ter formação técnica em Teatro, oferecia as oficinas relativas a essa área.

³ As outras atividades extracurriculares da escola eram pagas.

Os espetáculos apresentados na escola eram geralmente baseados em algum clássico literário, como: *A bruxinha que era boa*, de Maria Clara Machado; *Flicts*, do Ziraldo; até mesmo releitura de histórias em gibis da *Turma da Mônica*, do Maurício de Souza, quando os próprios alunos montavam o texto a partir das histórias originais.

Penso que a parte mais interessante desse processo era o foco nas entrelinhas da montagem. Enquanto estudante, sentia que durante as aulas regulares os conhecimentos que eram trazidos de experiências externas e individuais não eram valorizados. Desse modo, não me sentia confortável no processo de aprendizagem, pois o que agregava valor aos estudantes era uma nota final gerada em avaliações, e não a construção do saber. Nas aulas de teatro, entendi que a construção era muito mais importante, e que o resultado final era apenas uma consequência dos movimentos contínuos. A cada aula, alguma questão surgia, algum interesse novo nascia, descobertas eram feitas e um jogo de espelho com os outros estudantes era feito, de modo que nos víamos uns nos outros e conseguíamos nos ouvir, aprender em conjunto.

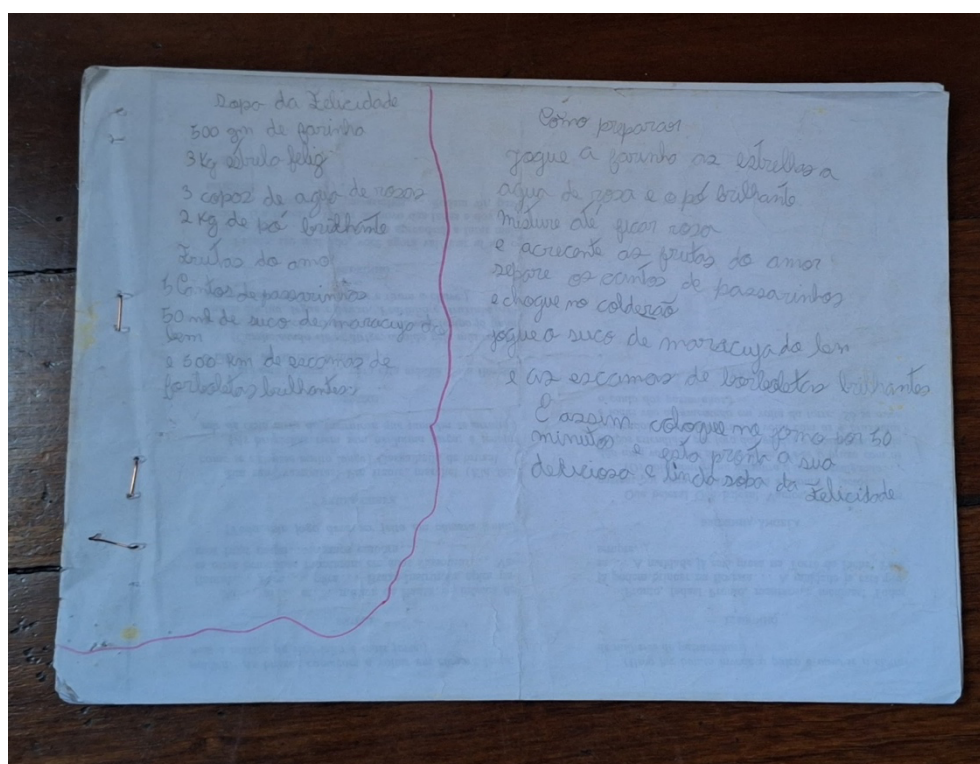


FIGURA 2: Registro de um exercício cujo objetivo era criar uma poção para trabalhar a criação de personagem. Processos de montagem do espetáculo *A bruxinha que era boa*, de Maria Clara Machado – 2006

O contato com a Música sempre foi muito importante para mim. Quando criança, também por meio das atividades extracurriculares do Colégio São Miguel, participei de um Coral que oferecia aulas de flauta doce, ministradas pela professora Cláudia Duarte. Essas aulas de música se intercalavam com o teatro e penso que uma sempre complementava a outra.

Aprender a relação das notas musicais com o que eu cantava me fez entender muito sobre organização, além de ser mais uma forma de aprender a registrar. Durante as aulas, levávamos um caderno e anotávamos quais eram as notas musicais correspondentes ao movimento melódico realizado pela voz. Assim, quando eu chegava em casa, revisava e ficava muito mais fácil aprender.

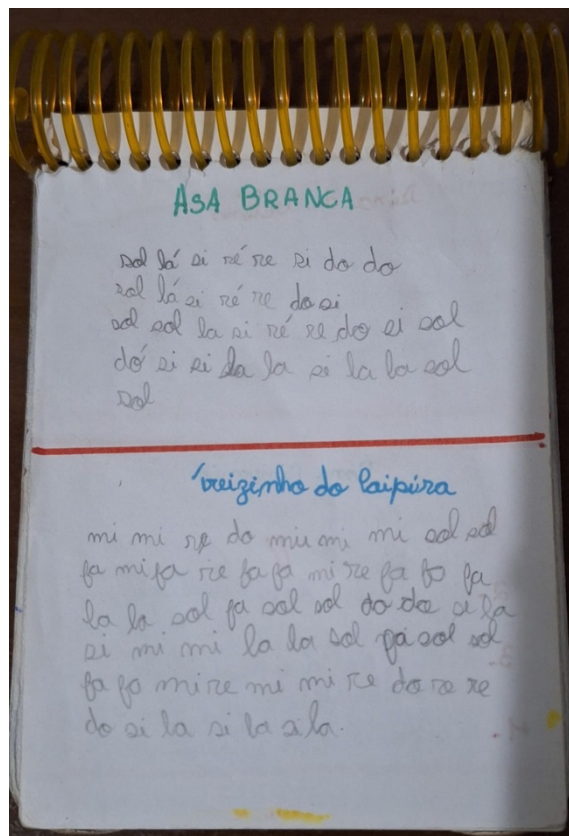
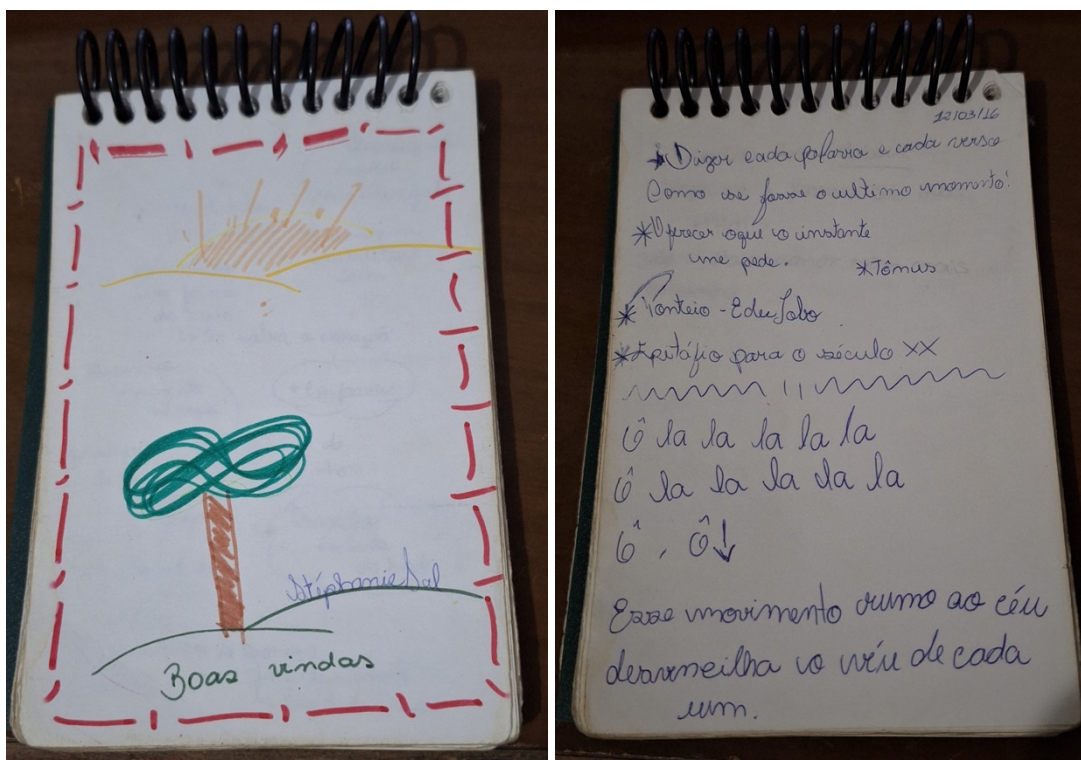


FIGURA 3: Caderneta de anotações das aulas de Coral.

No início da adolescência, distanciei-me um pouco do Teatro e me dediquei ao mundo da Música, pois um dos meus sonhos era aprender a tocar piano. Percebia que o momento de mais aprendizado e trocas de conhecimentos era durante os ensaios gerais para a apresentação final, quando todos os estudantes da Escola de

Música Kleinny Kacilah⁴ se reuniam e ensaiavam suas apresentações em conjunto. Toda aquela dinâmica gerava uma vontade genuína de conhecer mais sobre o trabalho de outros artistas, conhecer a história por trás de cada pessoa; aquela experiência nos aproximava e abria outras possibilidades de entender o aprendizado por meio do compartilhamento.

Quando me formei no Ensino Médio, entrei para aulas de teatro no Projeto Palavra Viva, dirigido por Robson Vieira. Nesse projeto, experimentei novas formas de me expressar através do contato contínuo com a literatura e música nacional. Durante meu percurso ali, fazíamos muitas apresentações em vários espaços de Belo Horizonte, como Teatro da Biblioteca Pública (Praça da Liberdade), Escola Estadual Pedro II, Instituto de Educação, entre outros. Em um dos primeiros encontros, fomos dadas cadernetas de anotação que deveriam nos acompanhar por todas as aulas: **foi meu primeiro contato com o diário de bordo.**



FIGURAS 4 e 5: Caderneta de anotações que veio a ser meu primeiro diário de bordo.

⁴ Instituição localizada no bairro Nova Floresta.

Tudo o que aquelas experiências causaram no meu corpo, e todos os outros elementos, eram um grande exercício de percepção. Assim, quando tive a oportunidade de criar a minha própria aula para a disciplina de Estágio III, da Graduação em Teatro da UFMG, foi inevitável o desejo de voltar a me conectar com essas lembranças de aulas das referidas oficinas. Além de ter lembranças muito concretas de momentos, textos, exercícios dos quais participei naquele momento, esse mergulho no passado foi feito de forma muito mais simples, porque várias memórias corporais foram e estão registradas nos meus diários de bordo.

O hábito de registrar experiências por escrito sempre me acompanhou ao longo de toda a minha trajetória. Tenho guardados vários diários de bordo, cadernos, cadernetas e outros tipos de lembranças que acabam me ativando as memórias corporais dos momentos de aprendizagem que foram extremamente importantes para a minha formação.

Toda essa experiência, no tempo de escola, fez-me criar muito interesse e paixão pelo aprendizado, em especial por meio das Artes Cênicas, e também muita vontade de compartilhar com as pessoas aquilo que eu estava sentindo, como uma forma de contribuir para que elas se sentissem assim também. Assim, nasceu a minha vontade de ser professora de Teatro e conseguir explorar as potencialidades que existem em cada indivíduo que integra um coletivo, bem como na sua correlação com o mundo.

3. Entrada na UFMG – Conhecimento de si e desenvolvimento da dramaturgia pessoal

Partindo da ideia de que as experiências vividas pelos alunos são potencializadas quando compartilhadas, entendo que uma ferramenta extremamente importante para auxiliar no processo de ensino aprendizagem seja o diário de bordo.

Durante o isolamento na pandemia de covid 2020/2021, aproximei-me mais da escrita como forma de registro e me libertei de amarras que faziam meu texto ter um determinado padrão, optando pela escrita livre, incluindo desenhos e qualquer tipo de fragmento que me lembrasse posteriormente que houve ali uma experiência de presença, um resgate ao aprendizado vivido naquele momento.

Vale reiterar, os diários de bordo sempre foram meus companheiros, e o ato de anotar de próprio punho e de uma forma coerente com aquilo que eu estava aprendendo foi um exercício essencial para minha formação como professora, estudante e pessoa. Penso que a observação seja um procedimento essencial para se fazer qualquer coisa e, no Teatro, é o exercício constante dos atores. Para os professores, entendo que é mais essencial ainda, porém é muito difícil ver individualmente cada estudante, de forma cuidadosa, quando há muitos alunos e pouco tempo em sala de aula. Isso acaba sendo frustrante, pois entendo que cada pessoa tem sua forma de estar e se relacionar com o mundo e, principalmente, existem vários tipos de inteligências e várias maneiras de aprender alguma coisa.

Nesse contexto escolar tradicional, como dar atenção a cada um em sua individualidade? Penso que seja impossível. Nesse sentido, a maneira mais próxima de fazer alguma mudança acontecer seria criando oportunidades de mútuo conhecimento em grupo. Para tanto, entendo que o ato de externalizar as experiências individuais, por intermédio da escrita, tragam um estado de presença para os estudantes e movimentem vários aspectos que os fazem, de fato, absorver aquele ensinamento.

O ato de relatar sobre experiências e fazer registros em diários de bordo é uma coisa bastante comum no meio artístico. Durante o meu percurso na graduação, fui percebendo as potencialidades que essa ferramenta trás para a elaboração de pensamentos e ideias, que vão sendo exploradas a partir de um contínuo exercício de expressão.

Penso que a cartografia de cada pessoa seja única e que seu diário de bordo vá muito além de apenas registrar relatos, sendo também uma experiência estética. Vinícius Lírio utiliza o conceito do corpo como mapa do mundo, em seu livro *Cartografia de poéticas híbridas: entre rastros de encenações à margem*. A leitura dessa obra me movimentou para um lugar completamente novo e cheio de possibilidades para explorar potencialidades que possam surgir a partir da poética individual. A forma com que cada pessoa consegue contar histórias sobre suas experiências, através de registros de todas as formas, faz com que seja estabelecido um exercício tanto de autoconhecimento quanto de elaboração de uma ferramenta de trocas de vivências, registros esses que poderão ser acompanhados por outras

peças. Isso gera um espaço para acontecerem conversas, que poderão ressignificar tanto as experiências antigas quanto as novas.



FIGURA 6: Meus diários de bordo teatrais

A tese de Adélia Carvalho, *Casas dramáticas: material criativo para ensino de dramaturgia*, mostra justamente como os registros podem ser ressignificados e como é possível achar várias saídas e soluções criativas para cada elemento que surge e marca a vida das pessoas. O ato de registrar situações ganha uma dimensão maior do que apenas um novo objeto para se guardar, mas também um registro histórico de vivências que, além de passarem pelo racional, também ficaram encarnadas, e essa memória corporal transborda para além do corpo e se materializa CARVALHO (2021). Segundo essa autora,

se pensarmos o ensinar como um conhecimento pronto e acabado, passado por um mestre, para seus pupilos, eu diria que não se ensina dramaturgia. Porque nesse processo busca-se ali algo que já contenha respostas, algo que sinalize a receita a ser seguida por todos. Aprende-se técnicas, podendo dominá-las com certo brilhantismo, mas o processo tende ao esvaziamento se o aluno não encontrar caminhos para reivindicar sua autonomia no processo de escrita. Olentes de outros autores, apropriando-se deles. (CARVALHO, 2021, p. 225).

Dessa forma, Adélia transborda em seus experimentos essa urgência de estabelecer um diálogo constante e em movimento entre professores e estudantes de

uma maneira que se aproxime o máximo possível das raízes, do autoconhecimento e da apropriação das próprias histórias de quem está escrevendo.

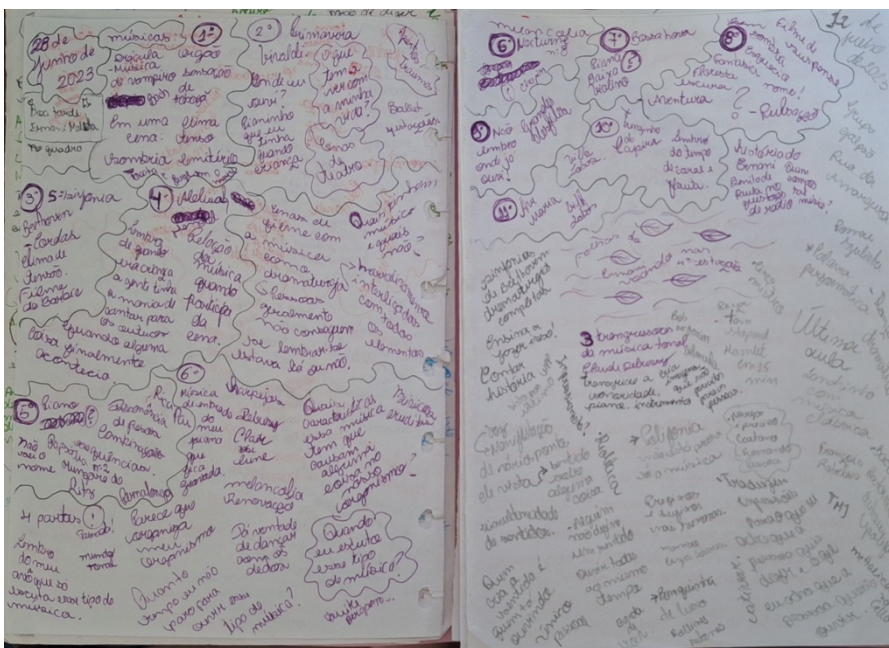
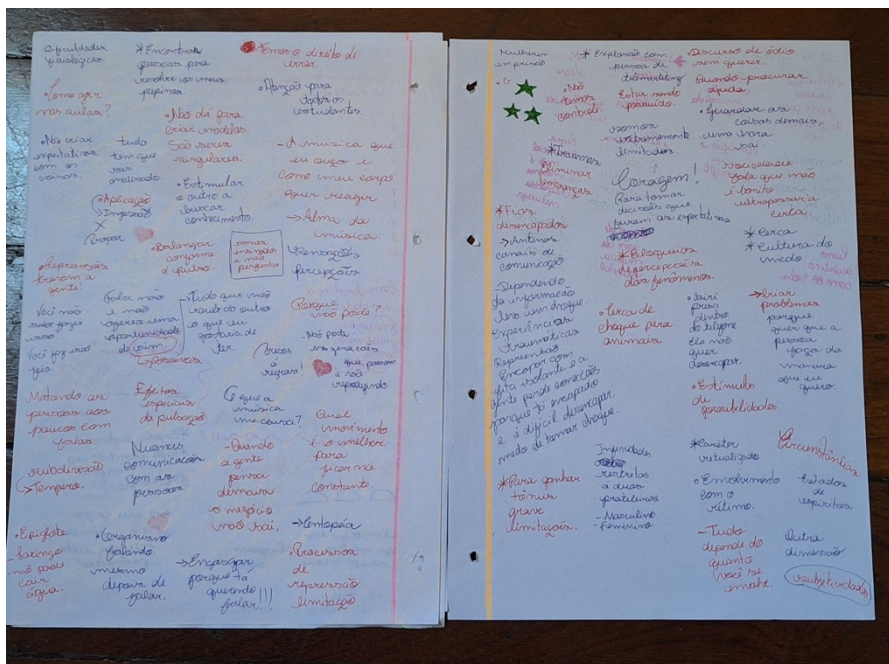
4. Aprendendo a aprender polifonicamente

Quando entrei na UFMG, não sabia como seria meu percurso lá e muito menos como funcionava uma Universidade. Ficava cada vez mais surpresa ao ir descobrindo o quanto aquele ambiente era novo e libertador, ao mesmo tempo em que me apresentava muitas situações que me lembravam o ambiente escolar. Inicialmente, tive um pouco de dificuldade em me adaptar às aulas, que muitas vezes eram diferentes das experiências que havia tido em cursos livres; e lidar com avaliações e outras burocracias também me fizeram questionar muito qual era o motivo de estar ali. Certa vez, durante uma aula em que o professor fazia o fechamento da disciplina, trazendo uma fala para cada estudante, questionou-me isso: “Minha querida, o que você está fazendo aqui?” Esse questionamento me atravessou durante todo o meu percurso no curso e, por um lado, muitas vezes me fez pensar em desistir de finalizar essa graduação; por outro lado, e de forma mais potente, me fez voltar para o eixo e achar a direção que eu queria seguir naquele momento. E cá estou, no último período, escrevendo o trabalho final, e certa de querer fechar este ciclo.

Uma grande virada de chave no meu caminho acadêmico ocorreu quando tive contato com Ernani Maletta, professor do Curso de Graduação em Teatro da UFMG de 2000 a 2024, e um dos responsáveis pela área de Estudos Vocais e Musicais. Durante a pandemia de COVID em 2020/2021, fiz uma das disciplinas oferecidas por ele, no formato online. Até então, estava desanimada com as experiências que vivia naquele momento, particularmente frustrada em função da rigidez que eu estava carregando durante esse período e que me causava um certo receio de que, naquelas aulas de voz e música online, poderia cair novamente em um lugar já conhecido sobre o estudo da música, contrária à sede danada que eu sentia de experimentar alguma coisa e exercitar a criatividade.

Já na primeira aula, notei que todas essas expectativas estavam extremamente equivocadas. Ernani trouxe uma contextualização da disciplina, explicou como seria o semestre e tudo aquilo me deixou extremamente aliviada, com

vontade de estar presente naquela aula e ouvir as histórias que surgiam, histórias compartilhadas. Acho excepcional nas aulas do Ernani essa abertura de espaço para todos compartilharem seus pontos de vista, sem a pressão e a rigidez de, para isso, ter que saber algo considerado “correto” sobre um determinado assunto, como um tema fechado; em vez disso, os alunos são estimulados a contribuir de alguma forma, com seus conhecimentos pessoais, gerando assim uma escuta coletiva, um senso de grupo e aprendizados costurados, construídos pelo entrelaçamento das individualidades.



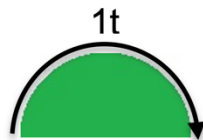
FIGURAS 7 e 8: Registros nos diários de bordo de aulas de Ernani Maletta em 2021 e 2023.


Na aula seguinte, Ernani pediu para levarmos um material de E.V.A cortado da seguinte maneira:

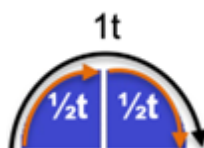
- 6 círculos vermelhos inteiros;
- 6 círculos verdes, todos cortados ao meio, formando 12 semicírculos verdes;
- 6 círculos azuis, todos cortados em 4 partes iguais, formando 24 quartos de círculo azuis;
- 6 círculos amarelos, todos cortados em 8 partes iguais, formando 48 oitavos de círculo amarelos.

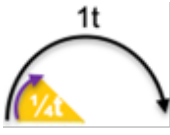
Aquela tarefa em si já foi muito significativa, pois movimentou em mim a vontade de criar alguma coisa e despertou muito a minha curiosidade. Chegando o dia da próxima aula, ele explicou que aquele material serviria para nos ensinar a ler partitura, e eu fiquei completamente incrédula com aquela possibilidade. Pela lógica do material, cada parte serve para indicar a duração de uma nota musical específica, da seguinte forma:

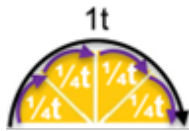
- o semicírculo corresponde a 1 tempo (por exemplo, uma duração de 1 segundo).



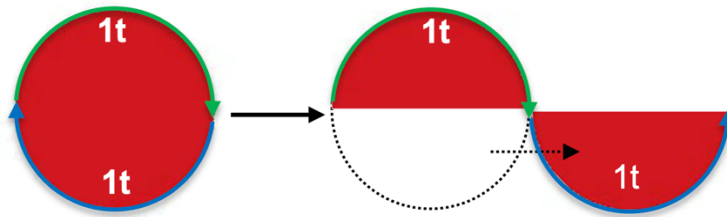
- a metade do semicírculo corresponde a $\frac{1}{2}$ tempo  de modo que duas dessas metades seguidas formam uma célula rítmica formada de duas partes iguais, cada uma com duração de $\frac{1}{2}$ tempo, cujo valor total é de 1 tempo:



- um quarto do semicírculo corresponde a $\frac{1}{4}$ de tempo  de modo que quatro dessas figuras seguidas formam uma célula rítmica formada de quatro partes iguais, cada uma com duração de $\frac{1}{4}$ tempo, cujo valor total é de 1 tempo:



- círculo inteiro corresponde a 2 tempos:

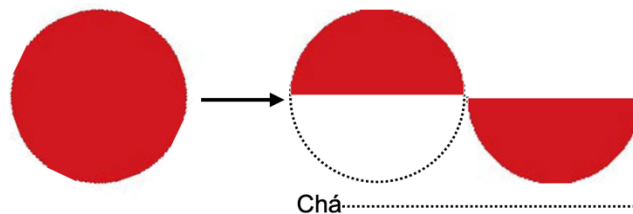


Para as pausas correspondentes a cada figura, são usadas as mesmas formas geométricas, porém na cor branca.



Para dar mais concretude à noção de tempo e suas durações, bem como para associar a ideia de ritmo à palavra falada, que é própria da atuação teatral, a cada uma dessas células rítmicas geométricas associam-se nomes. Por exemplo, Ernani sugere itens de café da manhã:

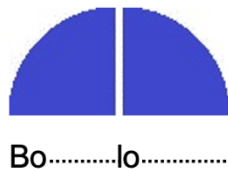
- ao círculo inteiro é associado o nome “chá”, como uma forma de relacionar a ação de encher uma xícara de chá ao tempo que dura o som representado por aquela figura:



- ao semicírculo é associado o nome “pão”:



- ao conjunto das duas metades do semicírculo é associado o nome “bolo”, uma sílaba para cada uma das metades:

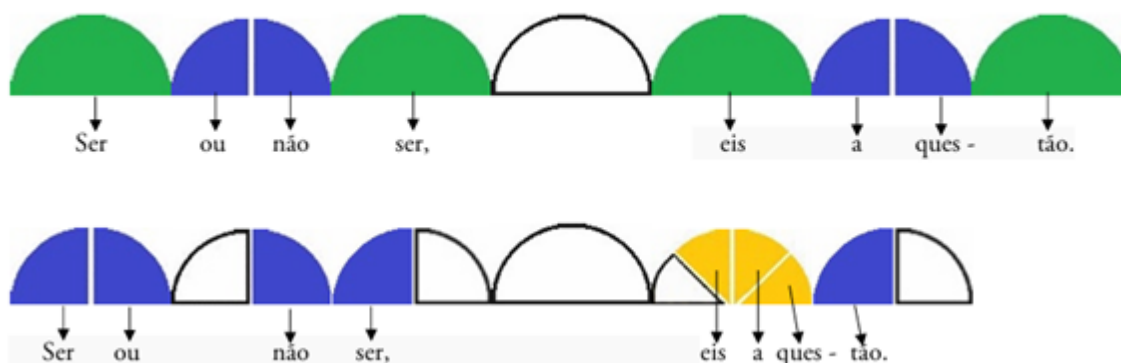


- ao conjunto dos quartos do semicírculo é associado o nome “pão de queijo”, uma sílaba para cada uma das quatro partes:



Logo depois desse entendimento, passávamos a fazer leituras de textos, seguindo determinadas estruturas rítmicas, o que penso ser muito importante principalmente para o trabalho de leitura de dramaturgias, na medida em que entender o tempo de cada uma das sílabas que compõem as palavras é essencial para assimilar qual é o sentido daquilo que se está dizendo. Assim, penso que esse tipo de exercício seja uma boa ferramenta para a atuação.

Ser ou não ser, eis a questão. (Shakespeare /Hamlet)



Fiquei maravilhada com o resultado obtido pela turma com aquelas explicações e aquele novo método de leitura de partitura; em pouco tempo e com aulas muito divertidas, praticamente toda a turma conseguiu aprender a ler com aquele material. As aulas eram super leves, divertidas, e tiraram aquele peso que muitos de nós construímos no nosso imaginário de que ler partitura é uma coisa totalmente inacessível para quem nunca teve contato com uma pauta musical, desconstruindo assim a crença de que só alguns podem aprender certa coisa, além de popularizar esse conhecimento de uma forma que seja democrática. Entendi o significado de facilitar o entendimento sem abrir mão do objetivo, mas criando uma nova metodologia, para que mais pessoas consigam acessar esse tipo de conhecimento e gerar assim, de fato, uma construção de aprendizados.

O contato com Ernani me fez também conhecer o grande tema de sua pesquisa acadêmica, isto é, a atuação polifônica. Ele parte do conceito de polifonia e defende a ideia de que o Teatro é uma arte de natureza polifônica. Em seu livro *Atuação polifônica – princípios e práticas*, apresenta ao leitor diversas apropriações de polifonia, partindo da etimologia do termo e passando pelas formas como a Música e a Literatura o tratam em seus respectivos campos, para finalmente propor sua compreensão própria do conceito:

polifonia é o entrelaçamento de múltiplos pontos de vista discursivos, identificados como vozes intrinsecamente dialógicas, que se apresentam simultaneamente, expressas por qualquer sistema de signos, podendo interferir umas nas outras sem prejuízo de sua autonomia, e que têm igual importância para o estabelecimento do sentido que assim se produz. O autor do discurso polifônico faz, então, falarem simultaneamente várias vozes – entre as quais está a sua própria –, por meio da incorporação dos discursos, isto é, das vozes ou dos pontos de vista equipolentes de outros autores, apropriando-se deles. (MALETTA, 2016, p. 48).

Esse conceito proposto por MALETTA (2016), que se refere às várias vozes dos criadores que compõem a cena teatral, foi fundamental para que eu chegasse à conclusão de que o aprendizado, como resultado de uma construção coletiva, que ocorre pelo entrelaçamento das vozes, isto é, dos saberes de todos os envolvidos no processo, deve também ser compreendido como um processo polifônico.

A respeito disso, Anna Starling, em seu Trabalho de Conclusão de Curso – intitulado *O PROFESSOR MULTIPERCEPTIVO: como desenvolver a noção de ritmo pelo ponto de vista teatral* –, faz uma bela análise do conceito de professor multiperceptível, também proposto por MALETTA (2016). Starling constrói em seu artigo uma narrativa sobre sua trajetória inicial no Teatro, com suas dificuldades e descobertas até o contato com as aulas de Ernani e sua metodologia citada acima. A partir desse contato com a metodologia de Maletta, Anna desenvolve suas próprias criações de jogos e leva para sala de aula durante seu período de estágio. Em seu texto, ressalta de forma cirúrgica a importância do entrelaçamento dos saberes para a formação de professores:

o professor deve ter liberdade para transitar entre os campos do conhecimento. A liberdade que cito aqui não se trata de uma obrigação de ensinar tudo de uma só vez, ou de desvirtuar a aula de teatro em prol de cobrir conteúdos de outras matérias da grade. Pelo contrário, a liberdade ideal, a meu ver, é a que torna a prática pedagógica mais completa e menos enrijecida. Ela remove o peso do preciosismo técnico e abre portas para um trabalho que parte mais da sua forma de ver o conteúdo do que de uma formação específica. (STARLING, 2022, p.24)

Tudo isso me chamou muito a atenção e me fez girar uma chave de percepção, isto é, de como eu gostaria de ser enquanto professora e, principalmente, como eu me sentia bem enquanto estudante. Em síntese, trazer elementos para as aulas que pudessem gerar esse aprendizado coletivo, algo que se aproximasse da polifonia.

Esse contato com o Ernani foi de extrema importância para que eu pudesse dar os primeiros passos em direção ao desbloqueio na criatividade, despertando-me para as inúmeras possibilidades que existem em um processo de aprendizagem. Isso contribuiu muito para o próximo passo, que foi o estágio.

5. Estágio III – Colocando na prática os ensinamentos

Ao cursar o Estágio III, tive contato com o Prof. Vinícius Lírio e um outro universo de possibilidades foi aberto para mim, em especial para o processo de construção de plano de aula. Em especial, ele nos lembrou de que, antes de tudo, o professor de Arte também é artista, e que não faz sentido criar um planejamento de aula que fuja desse universo no qual o criar artístico mora.

Durante as aulas com Lírio, fiquei bastante surpresa ao perceber que a sala por ele escolhida já fugia dos modelos com os quais tive contato em outras disciplinas na FAE. De fato, sempre achei muito contraditório quando, em certas disciplinas, questionavam-se e aprendiam-se novas formas de ensino, porém repetindo nas aulas o mesmo padrão imposto que se vivenciam nas escolas criticadas. Como professores em formação, é importante não apenas questionar esses padrões – que não funcionam, mas ainda sim predominam nas instituições de ensino brasileiras –, como também atuar de forma coerente com esse questionamento.

Lírio aborda sobre esse tema em seu texto *Mapas em movimento: performatividade e cartografias [auto]etnográficas em poéticas do ensino de teatro*, e fala como o diário de bordo pode ser uma ferramenta muito importante para auxiliar os professores a acharem respostas para esses questionamentos:

Estamos descobrindo e cartografando o que fazer e modos de fazer, enquanto fazemos. Considero esta a dinâmica de uma poética, ao mesmo passo que se constitui, também, como uma diretriz cartográfica. Ambas são de natureza processual e, como tais, em constante atualização. (LÍRIO, 2020, p.80)

A parte da experiência de vivenciar os estágios nas escolas é de extrema importância, justamente para entender que os estudantes e os contextos estão em mudança o tempo inteiro, e não cabe preservar uma forma ultrapassada de ensino que, penso, já não funciona há vários anos. Nesse sentido, a única forma de realmente haver uma troca de conhecimentos é se conectando com os estudantes, com o espaço escolar, conhecendo as histórias e questões que cada sala apresenta. Além disso, dar espaço a todos para o exercício artístico pessoal, para conseguir improvisar e adaptar jogos, dinâmicas, rodas de conversas ou qualquer outra atividade que seja adequada à demanda de cada momento.

Assim, no estágio que realizei na Escola Estadual Pedro II⁵, em 2022, busquei atuar de forma coerente com tudo o que foi exposto acima. Em primeiro lugar, percebi que a maioria dos estudantes gostava de participar de jogos que saíam do cotidiano da sala de aula, caracterizado pelas carteiras enfileiradas; assim, os jogos no pátio, ou mesmo aqueles em que as carteiras eram transformadas em um grande círculo, geravam curiosidade e engajamento. Além disso, e aproveitando esse envolvimento dos estudantes nas várias vivências propostas, pude entender na prática a real importância dos compartilhamentos registrados.

Os registros em papéis soltos, ou até mesmo diários de bordo, eram uma forma de trazer a presença dos estudantes sem expor diretamente a sua identidade; é como se fosse uma máscara de papel e lápis, que diz tudo o que os estudantes querem falar, mas com um certo distanciamento. A maioria gostava mais de jogos teatrais que tinham como artifício algo que trouxesse um pouco mais da individualidade de cada um para o grupo, para se sentirem ouvidos e vistos. No decorrer do estágio, os jogos realizados com os alunos geravam muitas opiniões, que se transformavam em cartas e desenhos, materializados nesses registros. Por meio destes, foi possível observar padrões repetitivos na turma, que evidenciavam assuntos sobre os quais, naquele contexto, eles desejavam ou precisavam conversar e trabalhar; assim, podíamos pensar em soluções para elaborar aulas que tratassem desses temas.

Penso que os ensinamentos aconteçam quando essas necessidades são ouvidas, acolhidas e conversadas. No fim de uma aula, ao compartilharmos pontos de vista, experiências, sensações, é possível escutar novas ideias, bem como se escutar, para perceber quais são os pensamentos que aquele assunto fez reverberar dentro de cada um. Muitas das necessidades deles estavam ali, na dimensão subliminar, entre as linhas compartilhadas, e, no decorrer das aulas, eles começaram a se abrir muito mais sobre suas questões, **queriam falar sobre eles!**

Houve um dia em que fizemos um jogo de escrever um elogio para a outra pessoa, e várias questões de autoestima vieram à tona, tornando-se o tema da conversa da aula seguinte. Percebi naquele momento que, após a conexão ser estabelecida, houve uma abertura que trouxe os estudantes pra mais perto uns dos outros, e o estado de presença dentro da sala mudou, de modo que eles quiseram

⁵ Instituição localizada na Avenida Prof. Alfredo Balena, centro de Belo Horizonte.

participar mais das atividades propostas em grupo, porque já não se sentiam tão vulneráveis e sozinhos.

O mundo pós-pandêmico, em sala de aula, também foi uma outra questão complexa de lidar, porque os estudantes estavam usando máscaras e tinham ficado dois anos dentro de casa. Entender esse novo padrão de relações foi um ponto bastante desafiador, principalmente por se tratar de Teatro. Durante a pandemia de covid, o Teatro passou por várias transformações e questionamentos, que fizeram com que artistas se reinventassem em um contexto tecnológico, produzindo encontros mediados por telas e câmeras nos quais existia um distanciamento físico real. Percebemos que essas relações, nos primeiros tempos pós-*lockdown*, precisaram novamente passar por vários confrontos, em particular quanto à forma com que os estudantes estavam acostumados a lidar uns com os outros naquele contexto, uma vez que, mesmo presencialmente, os relacionamentos estavam ainda restritos, pois várias pessoas ainda usavam máscaras, algumas não se aproximavam muito umas das outras, algumas tinham restrições ao toque...

Todos estávamos aprendendo a lidar com aquele novo contexto e várias questões precisaram ser exploradas naquele momento de estágio. O registro em papel, naquele momento, foi uma estratégia, tanto para contribuir para que os estudantes enfrentassem barreiras com as quais já estavam acostumados, quanto para propor alguma mediação e conseguir reestabelecer o contato entre eles nessas novas configurações de relações pós-pandêmicas.

Os registros escritos trouxeram muito a autopercepção, tanto para o grupo de estudantes de cada sala, quanto para que nós, professoras, pudéssemos entender quais eram as necessidades mais interessantes a serem consideradas naquele momento, até mesmo para conseguir escolher o melhor caminho artístico para trabalhar nas aulas.

Pensando em toda essa dinâmica do contexto pandêmico, percebi durante o período de observação do estágio na Escola Estadual Pedro II que muitos dos estudantes não se conheciam e muito menos tinham um senso de grupo bem trabalhado. No primeiro contato com a regência, foi sugerido pela professora Samara Xavier que eu fizesse a chamada, para conhecê-los, e logo após proporia um jogo para uma turma do sexto ano.

Inspirada pelos jogos rítmicos propostos por Ernani, pensei em como poderia abordar algum assunto com eles, que se encaixasse no tema que estavam estudando com base no livro didático: *Rumos da Arte*, e que ao mesmo tempo fosse juntá-los como um grupo. Para facilitar o surgimento desse senso de grupo, pensei em usar uma marcação rítmica por meio de um instrumento musical para indicar o início e fim dos jogos que iria propor. Em seguida, pensei em trazer algum elemento que poderia contribuir para o registro desses jogos e conseguisse tornar mais fácil o entendimento da proposta, auxiliando no compartilhamento da experiência; para tanto, cortei ao meio algumas folhas de papel A4. Por último, pensei em criar uma conexão com algo que deixasse os estudantes confortáveis para fazer em uma vivência teatral, para fugir de possíveis conceitos equivocados de jogo, ou evitar a vergonha que muitos sentem ao jogar, em especial porque estão em um período de transição para a adolescência. Entre máscaras e afastamentos físicos gerados pós-covid, percebi que muitos dos estudantes tinham uma característica em comum: gostavam de desenhar. Então, logo pensei em uma proposta de **desenho compartilhado rítmico**.

Chegando na sala de aula, pedi para eles se levantarem e colocarem todas as carteiras em círculo – tive um professor de Formação Ética no Colégio São Miguel Arcanjo, chamado Paulo, que sempre fazia essa dinâmica de modificar a disposição dos móveis da sala de aula, e me lembro como aquela experiência me marcou significativamente; então, resolvi testá-la naquele momento também. Os estudantes ficaram super animados com essa ideia de quebrar o corpo cotidiano. Logo após, distribuí os papéis A4 cortados ao meio, pedi para eles colocarem o nome no canto superior da folha e propus o jogo do desenho compartilhado. Mostrei-lhes um triângulo – como instrumento de percussão auxiliar, para marcação rítmica –, e isso já gerou bastante curiosidade. Expliquei que eles deveriam começar desenhando alguma coisa que viesse à mente e que, quando eu tocasse o triângulo, todos deveriam trocar as folhas com o colega ao lado e ir completando os desenhos já iniciados pelos outros.

Após esse jogo, todos estavam muito animados. Foi estabelecido por eles um ritmo que era próprio daquela turma, pois começaram a cantar em um coro improvisado e criado na hora, para sugerir o momento de tocar o triângulo e mudar de desenho. O horário acabou e eles ainda queriam outra rodada do jogo... Recolhi os desenhos e alguns dos resultados foram estes:



FIGURA 9: Desenhos da turma do sexto ano – Resultado do jogo de desenho compartilhado rítmico

Link do vídeo da experiência:

<https://drive.google.com/file/d/1goYuZghpFPFBtKdEwCTAyGMACV1tPfyR/view?usp=sharing>.

Após esse jogo, foram levantados vários questionamentos sobre temas importantes a serem abordados. Os desenhos foram a resposta, pois muitos deles traziam elementos repetidos de temas que, subjetivamente, mostram-se urgentes para os estudantes.

Na sala do sétimo ano, fizemos o jogo nessa mesma dinâmica, porém com a proposição de frases, e foi muito interessante, pois várias focas começaram a surgir, várias necessidades de conversas começaram a ser explícitas e urgentes. Após essa experiência, fiquei pensando em que jogo levar para contribuir, de alguma forma, para o aumento de autoestima por parte daqueles estudantes que se diziam os piores da escola, com base nas situações vivenciadas em sala de aula e, principalmente,

considerando uma questão por eles levantada: em sua maioria, sentiam dificuldade de participar dos jogos teatrais por não serem atores.

Lembrei-me de uma figura muito importante para o Teatro, em âmbito mundial, que é Augusto Boal. Em seu livro *Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas*, ele explora a ideia de que o Teatro está presente e se mistura com todas as esferas sociais, fazendo análises de grandes momentos literários da história. Em especial, Boal apresenta propostas para trabalhar com pessoas que nunca tiveram contato com o Teatro, usando jogos que exploram desde o conhecimento do próprio corpo até outros pontos mais subjetivos do pensamento. Em suas palavras, jogos que “desfaçam e desmontem a própria estrutura do corpo”. Para tanto, ele apresenta alguns exercícios que já fazem parte do imaginário daquelas pessoas e, a partir disso, vão se abrindo novos espaços para que todos possam criar juntos:

Creio, porém, que é sempre conveniente propor um exercício e ao mesmo tempo propor que os participantes inventem outros. É importante manter uma atmosfera criadora: todos estão criando, os que ensinam e os que aprendem. Todos devem inventar. (BOAL, 1975, p.148)

Partindo da ideia, reforçada por Boal, de que o teatro é político, usei como referência alguns exercícios do livro *200 exercícios e jogos para o Ator e Não-ator*, e os adaptei com base em ideias do Teatro do Oprimido⁶. Distribuí para todos um papel e propus que eles escrevessem um elogio para eles mesmos, colocando-o dentro de uma sacola de pano. Ninguém iria ver, só eles mesmos. Isso gerou um movimento diferente do que estavam acostumados e, como exemplo, uma das estudantes começou a chorar e dizer que aquela ação a fez perceber coisas sobre ela mesma. Possivelmente como um reflexo disso, outros se mostraram mais abertos a serem vulneráveis e a confiar neles mesmos, abrindo-se mais facilmente para a roda de conversa que ocorreu na aula seguinte e que gerou questionamentos. A respeito das rodas de conversa, penso que sejam uma excelente estratégia para o processo ensino-aprendizagem e que deveriam ser uma constante no ambiente escolar – o que não me parece ser uma realidade, infelizmente.

⁶ Metodologia teatral proposta pelo teatrólogo brasileiro Augusto Boal, em que o foco principal é democratizar o Teatro através de diálogos, jogos e exercícios que são destinados aos que estão à margem da sociedade.



FIGURA 10: Resultado do jogo do elogio pessoal com o sétimo ano.

No último dia de estágio, fui surpreendida com registros que foram super espontâneos e delicados. Cartinhas e desenhos, pedaços de cabelo, tudo isso foram registros especiais do que ficou para eles, das trocas, vivências, conversas! E, para cada um, levei uma bala e um bilhete, no qual estava escrito: Você é incrível, maravilhoso(a) e inteligente! Gratidão pelas trocas!

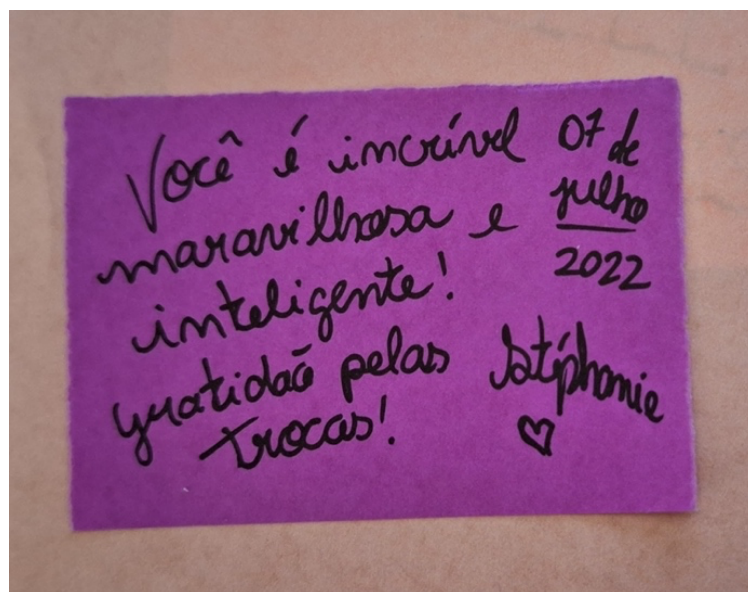


FIGURA 11: Exemplo do bilhete que distribuí para os estudantes



FIGURA 12: Cartinhas e outros registros com os quais os estudantes me presentaram no fim do estágio.

6. Considerações Finais

As experiências que cada pessoa vive são únicas e somativas. Como vimos, o conceito de polifonia proposto por MALETTA (2016) refere-se às várias vozes que constroem o nosso saber. No referido texto de Ana Starling, é muito interessante observar como as propostas de Ernani abriram uma porta nova de oportunidades para suas próprias criações enquanto professora artista. Após meu contato com ele, também minhas anotações ganharam cores e caminhos livres. Vejo hoje essa construção de registros como uma colcha de retalhos no papel, uma mistura de várias vozes traduzidas através do meu próprio sentir, que, a meu ver, corresponde a uma experiência polifônica.

A ideia de que o aprendizado deveria ser um processo polifônico, em especial no que se refere à Arte como disciplina na grade curricular das escolas, infelizmente não é uma realidade no que diz respeito ao ensino ao qual tive a oportunidade de observar, pois é muito comum perceber que a sua prioridade é formatar a mente dos adolescentes a pensar apenas em questões de provas múltipla escolha. Assim, as vivências em sala de aula, que já são poucas – pois é uma hora aula por semana em cada turma –, ficam completamente comprometidas e enquadradas em um padrão que não conversa com a Arte.

Todas essas vivências me fizeram perceber o quanto o ato de registrar de próprio punho é uma ferramenta poderosa no processo de aprendizagem, e que esses registros funcionam se fizerem sentido para quem está aprendendo. Então, é importante explorar e testar todas as possibilidades de registro, para descobrir como é possível contar histórias para mim mesma e, posteriormente, para os outros.

Penso que esse seja um dos caminhos para desenvolver uma dramaturgia pessoal, pois, quando conseguimos nos conhecer e revisitar nossos aprendizados, fica muito mais fácil organizar e construir os próprios pensamentos e traduzir as vivências. Assim, é possível compartilhar as experiências com outras pessoas e ir construindo saberes em conjunto. Aplicar esse conceito de polifonia nos processos de aprendizagem é, portanto, uma das formas mais democráticas de emancipação, pois leva em consideração todas as vozes que falam, mas também se escutam.

Aprender a aprender polifonicamente me fez despertar para as outras possibilidades de construção do saber, para além dos processos convencionais, nos quais, em vez de aprendizado, ocorre uma assimilação obrigatória de ideias, como se fossem únicas, por meio da voz protagonista do professor. A partir daí, entendi que cada um tem sua própria forma de aprender, de traduzir o mundo e, principalmente, seu próprio tempo de entender o mundo.

Desenvolvi minha dramaturgia pessoal: os meus diários – que não são apenas diários de bordo, mas “diários de tudo”, que contam as histórias que aprendi, resgatam as vozes de tantas pessoas que passaram pela minha vida e me permitiram acessar memórias que me fizeram ser o que sou hoje: uma construção. Por isso, gostaria de aproveitar o espaço deste artigo, como meu Trabalho de Conclusão de

Curso, para expressar meus agradecimentos às muitas pessoas cujas vozes se entrelaçam na construção dos meus aprendizados.

Gostaria de agradecer aos meus familiares, por me proporcionarem acesso à educação e me ensinarem diretamente e indiretamente lições valiosas sobre paciência, resiliência, cura e autoconhecimento. Agradeço à minha mãe Patrícia Fátima, por ter me presenteado com as faíscas necessárias para acender a chama da escrita; ao meu pai, Daniel Leal, por ter me ensinado sobre generosidade e escuta (desde rock pesado até a paz e o sossego do mato); aos meus irmãos Bibi e Rafa Leal, por estarem nos melhores e piores momentos comigo; à minha madrinha Raquel Leal, por nunca ter soltado minha mão; ao meu padrinho Luciano Souza; por debater comigo sobre as atualidades; ao meu vô Luiz Leal, por compartilhar comigo seu amor por literatura e música clássica; à minha vó Neide Leal, por incentivar meu canto e me ensinar a fazer doces da roça; à minha tia Teca Leal, por me ensinar a costurar e respeitar a natureza; à minha avó Li Souza, por me ensinar sobre rituais; ao meu avô Jovem Souza, por ter patrocinado as aulas extracurriculares; e a todos que vieram antes de mim e, de alguma forma, contribuíram para eu estar onde estou hoje.

À minha psicóloga Salete e aos meus colegas e amigos que me acompanharam durante esse processo; principalmente à minha irmã de alma, Carol Mansur, que cresce em todos os sentidos junto comigo com muita paciência, amor, generosidade, conversas sérias e fiadas, choros, gargalhadas e muito companheirismo.

A todos os professores que passaram pela minha vida e deixaram marcas de afeto, respeito, acolhimento e auxílio nos processos de construção de saberes e de autoconhecimento. A Paulo César, Tânia Regina, Juliana Cappanema e Leandra Batista, do Colégio São Miguel; a Kleinny Kacilah e Cláudia Duarte, do campo da Música; a Robson Vieira e Amora Tito, do campo do Teatro; à Samara Xavier e aos estudantes da Escola Estadual Pedro II; a Tânia Mara, Mariana Muniz e Vinícius Lírio, da UFMG. Em especial, gostaria de agradecer a uma pessoa que transforma os espaços de educação e o mundo à sua volta, me inspira a continuar no processo de ser professora artista; o professor mais gentil, empático, criativo, autêntico e generoso que tive a honra de acompanhar durante essa caminhada pela vida e aceitou me orientar nesse processo: Ernani Maletta. Agradeço pela paciência, por toda a ajuda e disponibilidade, pela presença e carinho.

E, por fim, agradeço a mim mesma por estar aprendendo a me amar, por não ter desistido e ter superado as crenças de que eu não era capaz de várias coisas; pela coragem de ocupar os lugares que ocupo e finalizar ciclos. Avante!

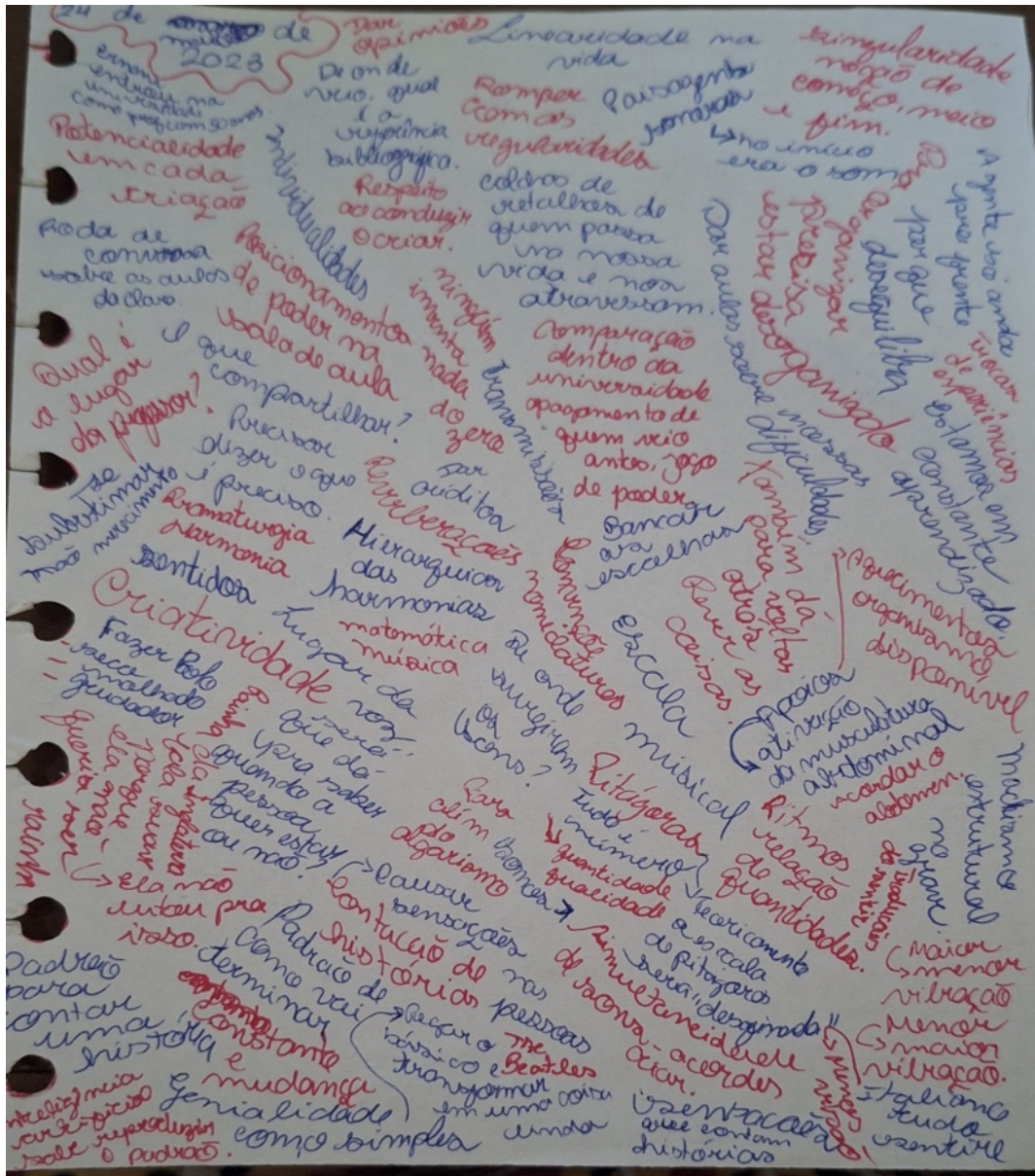


FIGURA 13: Fragmentos dos meus diários de bordo atuais

A minha dramaturgia pessoal hoje é essa. E você, já descobriu a sua?

REFERÊNCIAS

BOAL, Augusto. **Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

BOAL, Augusto. **200 exercícios e jogos para o ator e o não-ator com vontade de dizer algo através do Teatro**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

CARVALHO, Adélia Aparecida da Silva. **Casas dramáticas**: material criativo para ensino de dramaturgia. Tese (Doutorado em Artes). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Belas Artes, 2021.

LÍRIO, Vinícius da Silva. **Cartografia de poéticas híbridas: entre rastros de encenações à margem**. Belo Horizonte: Kma, 2019.

LÍRIO, Vinícius da Silva. **Mapas em movimento**: performatividade e cartografias [auto]etnográficas em poéticas do ensino de teatro. In.: LÍRIO, Vinícius da Silva. *Criar, performar, cartografar*: poéticas, pedagogias e outras práticas indisciplinadas do teatro e da arte. 1. Curitiba: Appris, 2020. (p. 51-82)

MALETTA, Ernani. **Atuação polifônica: princípios e práticas**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2016.

STARLING, Anna. **O PROFESSOR MULTIPERCEPTIVO**: como desenvolver a noção de ritmo pelo ponto de vista teatral. Artigo (Licenciatura em Teatro). Belo Horizonte: Universidade Federal da Minas Gerais, Escola de Belas Artes, 2022. Disponível em: <https://www.eba.ufmg.br/tccs/index.php/teatro/article/view/36/48>.